

Juan A. Ruiz de Gopegui, S. J.

Catequese e Tradição da Fé

UM PROBLEMA CRUCIAL: A SINGULARIDADE DO CONTEÚDO DA CATEQUESE

A revisão, suscitada pela preparação do Sínodo, do estado atual da catequese no Brasil, após quase duas décadas de intensos esforços de renovação, inspirados pelo programa de *aggionamento* do Concílio Vaticano II, coloca em evidência um problema que de forma mais ou menos velada esteve sempre na raiz das tensões que acompanharam o processo de renovação da prática evangelizadora nestes anos: o problema do caráter absolutamente original do conteúdo da mensagem cristã.

Nas respostas das dioceses a um questionário proposto pela CNBB, visando delinear o "Panorama da Catequese no Brasil", esta problemática aflora constantemente. Enquanto as respostas de catorze dioceses constataam "dificuldade em assumir novas linhas", "preconceitos contra a catequese renovada", "catequese mais presa ao texto que à vida", "conteúdo muito doutrinal sem compromisso comunitário", "catequese desencarnada sem preocupação com os pobres e

oprimidos”, as respostas de outras 27 dioceses lamentam, em direção oposta, “certo horizontalismo e naturalismo”, “desprezo pela catequese tradicional”, “conteúdo superficial”, “muita promoção humana e pouca doutrina” e assim por diante.¹

Não é difícil descobrir inconscientes opções ideológicas condicionando a análise das diversas situações. Existe contudo uma problemática teológica de fundo: a falta de clareza em torno a termos como “conteúdo” ou “doutrina” quando referidos ao processo absolutamente original da educação da fé.

Quando a consciência do esvaziamento doutrinal de uma determinada prática catequética (o qual não pode ser excluído *a priori*) provoca uma reação pendular e saudosista de volta ao tipo de doutrinação dos catecismos de antanho, influenciados pelo racionalismo que marcou a cultura do século XIX,² não pode deixar de surgir a suspeita hermenêutica de que estão sendo confundidos o conteúdo singular do Evangelho ou a originalidade da doutrina cristã com um simples saber de caráter racionalista.

A advertência de Paulo de que a fé não procede da sabedoria dos homens, mas da estultícia da proclamação do evangelho (*διὰ τὴν μορῆν τοῦ κηρυγματος*, 1 Cor 1, 21, ou seja, da proclamação da estultícia da cruz, que é o sentido desta densa expressão como aparece da comparação com o que é afirmado pelo Apóstolo no v. 18), fundamenta essa suspeita.

EVANGELHO, PROCLAMAÇÃO DA CRUZ DE CRISTO E ENSINO

A volta ao Evangelho ou ao querigma foi a intuição programática que determinou os primeiros passos da renovação catequética. A distinção, em voga naqueles começos do movimento renovador, entre evangelização, concebida como primeiro anúncio do Evangelho, e catequese como aprofundamento doutrinal após a conversão, impediu uma superação mais radical das ambigüidades que a concepção da doutrina, própria de uma época, tinha introduzido

1. Cf. *Panorama da Catequese no Brasil*, na recém-lançada *Revista de Catequese*, 0 (1977) 36-44; espec. 41-43.

2. A problemática apresentada pelos catecismos é muito mais complexa. Cf. J. A. JUNGSMANN, *Catequética*, Barcelona 1966, pp. 91-118; J. AUDINET, *La catéchèse, enjeu de société*, *Etudes* 347 (1977) 93-110.

no processo de educação da fé. Projetava-se nos escritos neotestamentários uma mentalidade a eles alheia ao contrapor os termos *evangelho* e *querigma* ao termo *didaqué* ou *ensinamento*.³ Para o N. T. o objeto da "proclamação", do "evangelho" ou do "ensino" (assim como de outras muitas ações designadas pelos numerosos termos utilizados nele para expressar outras tantas formas de transmissão da mensagem cristã)⁴ é sempre a mesma realidade: o evento divino da salvação que teve lugar em Jesus e que é presencializado e atualizado no Espírito, como evento da Palavra, que é o Kyrios ressuscitado agindo no mundo, em cada situação histórica, através da comunidade evangelizadora.

A evangelização ou anúncio da boa nova da salvação em Jesus Cristo é um processo complexo e unificado constituído pelo testemunho eclesial da proclamação da salvação realizada por Deus em Jesus Cristo, que perpetua na história o testemunho dado pelo mesmo Deus de si mesmo no tempo privilegiado da revelação, de forma que o testemunho eclesial presencializa o testemunho divino: o traço essencial da evangelização, aquilo que deve estar presente em toda ação eclesial para que ela possa ser considerada como ação evangelizadora é precisamente esta capacidade de tornar presente entre os homens a proclamação *divina* da salvação. Este testemunho eclesial que constitui a evangelização abrange a vida toda da Igreja: suas palavras, seus gestos, suas ações, sua própria forma de ser no mundo. Nenhum dos elementos que constituem a evangelização pode ser considerado independentemente do testemunho global da Igreja.

A noção de testemunho utilizada preferentemente por João no seus escritos inspirados para referir-se ao evento divino da Palavra no mundo é sem dúvida a categoria mais abrangente e a que melhor caracteriza a realidade complexa da evangelização.⁵ Em referência a esta noção podem facilmente ser esclarecidas e superadas muitas das tensões existentes na Igreja em torno à compreensão da prática evangelizadora. Assim por exemplo: o sentido absolutamente original de "doutrina" no cristianismo e o lugar da promoção humana ou da práxis libertadora na evangelização.

3. Já tratamos desta problemática em artigos anteriores. Cf. *Evangelização. Algumas reflexões críticas, Comunicado Mensal da CNBB* 238 (1972) 22-28; *A vida religiosa e a catequese, Convergência* 8 (1975) 201-215.

4. Cf. G. FRIEDRICH, *kerússon*, GLNT (TWNT) 441s.

5. Cf. R. LATOURELLE, *Évangélisation et témoignage*, em A. Dhamony (ed.), *Evangelisation*, Roma 1975, pp. 77-100.

O TESTEMUNHO DE JESUS

Se Jesus é o “primeiro e maior dos evangelizadores” como lembra a *Evangelii nuntiandi*,⁶ devemos começar por analisar a natureza do seu testemunho para compreender o testemunho da Igreja.

A revelação não é mais do que o testemunho que Deus dá de si mesmo, e conseqüentemente do seu amor aos homens, em Jesus Cristo. A proclamação da chegada do Reino feita por Jesus, o seu ensino acerca do Reino, os seus gestos reveladores da presença do Reino no mundo, todo o seu caminhar na história para o serviço do Reino, até a morte de cruz, constituem o testemunho que o Filho dá entre os homens do Ministério da vida de Deus e de sua autocomunicação à humanidade para a salvação do mundo. Quando João afirma no seu evangelho: “E a Palavra se fez carne e habitou entre nós e nós vimos sua glória, esta glória que, como Filho único cheio de graça e de verdade, ele tem do Pai” (Jo 1,14), o olhar penetrante do evangelista está mostrando o fundamento último do caráter absolutamente singular do testemunho de Jesus, que determina a originalidade do testemunho apostólico. Porque Jesus é a encarnação ou manifestação histórica⁷ da “Palavra desde as origens voltada para Deus” (1,1), o Pai, porque é de forma única “o Filho”, os seus gestos, como as suas palavras, são o evento histórico da Palavra de Deus. Jesus é o “evangelho” de Deus” (cf. Mc 1,1 e Rom 1, 1-3), “a proclamação” divina da salvação, revelação e presença do amor de Deus entre os homens. Na pessoa do Filho evento e anúncio do Reino e ensino acerca do Reino se identificam. A doutrina de Cristo é evento da Palavra, irrupção do Reino. Quando na sinagoga de Nazaré, após ter proclamado (em pé, conforme o costume rabínico) a palavra da Escritura, Jesus se senta (de acordo com essa mesma praxe rabínica) para ensinar ou interpretar a palavra da Escritura, o seu ensino é a proclamação solene de que nele se cumpre essa palavra (cf. Lc 4, 16-21).

6. N.º 7.

7. Comparando Jo 1,14 com 1 Jo 2,22 e 4, 2-3, adverte-se que a ênfase do evangelista, ao usar o termo “carne”, não está tanto na realidade “corporal” de Jesus, quanto na realidade “histórica”, embora a primeira esteja incluída nesta última. Aliás isto mesmo poder-se-ia concluir do sentido semítico do termo *sarz*. A palavra se faz evento histórico em Jesus. O erro que João combate na sua carta não seria um puro docetismo, senão a recusa de ver em Jesus o Messias, o Filho de Deus, dissociando o Cristo, ser celeste e glorioso do homem Jesus que viveu entre nós.

Jesus é a presença do evento salvífico entre os homens e a sua interpretação. Ele é a "hermenêutica" da ação de Deus na história, a "exegese" histórica do mesmo Deus: "A Deus ninguém jamais o viu; o Filho único, que está no seio do Pai, no-lo explicou" (Jo 1,18).⁸

A TRADIÇÃO DA FÉ: PRESENÇA DO TESTEMUNHO DO FILHO NO TESTEMUNHO DA IGREJA

A Igreja, como Cristo, deve proclamar o evangelho com toda sua vida. Ela, porém, não é a Palavra. Apenas dá testemunho da Palavra acolhida na fé. Mas, porque o Senhor ressuscitado vive, por virtude do Espírito, na Igreja, ela é "sacramento" da autocomunicação de Deus em Cristo aos homens. No seu testemunho, constituído por toda sua vida (palavras e gestos que culminam nos sete sinais sacramentais, que são também palavra e gesto), torna-se presente o testemunho que Cristo dá do Pai na comunhão do Espírito: realiza-se o evento divino da Palavra na história que é Jesus Cristo.

Porque a Igreja não é o Cristo, mas sacramento do Cristo, a linguagem eclesial da evangelização (linguagem feita de gestos e palavras) não pode ser senão linguagem rememorativa do evento da Palavra em Jesus de Nazaré: *memória* ou *anamnese* do "evangelho de Deus" em Jesus Cristo, da proclamação *divina* da salvação realizada no tempo da Revelação, que se completa com a missão de Jesus (a qual inclui a constituição da Igreja através do dom do Espírito e da missão apostólica).

Porque Cristo vive na Igreja, essa memória não é simples memória histórica. Ela é presença do Reino de Deus agindo na história, voltada para o futuro da plenitude do Reino. Mas estes dois aspectos não são algo exterior à memória, senão elementos constituintes dessa memória singular. A força transformadora do presente histórico e a esperança da total libertação da história, estão contidas na "memória" do mistério de Deus revelado em Jesus, "esperança da glória" (Col 1,27).

EVANGELIZAÇÃO E TRADIÇÃO DA FÉ

O processo da evangelização se identifica com o processo da *parádoxis* ou tradição da fé. A tradição é mais do que um con-

8. O termo usado por João é *exegésato*.

junto de formulações doutrinárias: é a totalidade da existência eclesial, como "vida em Cristo e no Espírito". Aquilo que na tradição se recebe e se transmite é o evento divino da Palavra Em Cristo, presente na fé como Sentido radical do caminhar histórico: "Continuai a caminhar no Cristo Jesus, o Senhor, tal como o recebestes", diz Paulo aos Colossenses (2,6).⁹ Cristo é pois o conteúdo da tradição. Não apenas a lembrança do seu existir histórico, mas o mistério de Cristo na sua totalidade, que inclui o dom do Espírito vivificando a Igreja para o serviço do mundo, em ordem à salvação da história.

A tradição considerada como ato é a totalidade do testemunho eclesial acerca de Jesus que torna presente entre os homens o testemunho de Cristo. Ela é constituída por toda a vida da Igreja que deve ser presença significativa de Jesus Cristo para o mundo.

Porque a Igreja não é o Cristo, embora viva por Ele e nele, porque, santificada pelo Espírito, pode não ser fiel à inspiração do Espírito, no testemunho eclesial do Evangelho aparece uma tensão entre o anúncio do evento salvífico que por missão divina ela deve transmitir e a linguagem interpretativa desse evento, seja esta a linguagem da mesma vida eclesial, ou a linguagem doutrinária que traduz em formulações a experiência vivida. É claro que, mercê da promessa de Cristo de assistência perene do Espírito à sua Igreja, esta não pode deixar de cumprir, no fundamental, a sua missão e por isso, para além de todas ambigüidades da doutrina e da vida da Igreja no decorrer dos séculos, as palavras e os gestos estritamente sacramentais atualizam infalivelmente a presença atuante de Jesus Cristo no mundo. Isso não impede que o poder significativo desses mesmos sinais sacramentais possa em parte ficar obscurecido por essas mesmas ambigüidades.

É por isso que para a Igreja de todos os tempos o fiel exercício da "memória", a vigilância com relação à *parádosis* da fé é um elemento essencial da sua vida. A norma e a garantia da continuidade da tradição da fé é Jesus Cristo, isto é, o evento da Palavra de Deus em Jesus Cristo presente na Igreja pela ação do Espírito. Para a mentalidade racionalista do século das luzes, da qual o homem de hoje não se libertou plenamente, esta afirmação é escandalosa. A tradição da fé não encontra sua justificação senão em algo que é interior à mesma tradição. No entanto para o olhar crente isto não aparece como covarde demissão da racionalidade, mas a única forma de pensar Deus coerentemente: a ação de Deus

9. O verbo *paralambánein* é o termo técnico para designar a recepção na fé da tradição apostólica. O objeto direto do verbo aqui é Jesus Cristo. Cf. 1 Cor 15,3 e 11,23.

na história só pode ser concebida como gratuidade e liberdade. Quer dizer: só é possível falar de Deus a partir de uma livre palavra de Deus.¹⁰ O motivo da fé não pode ser senão Deus mesmo enquanto se manifesta ao homem. A tradição da fé não transmite apenas a notícia de que Deus se revelou em Jesus Cristo, através de um testemunho meramente humano, mas um evento que, embora sujeito aos condicionamentos da história, continua presente à história por ser evento da Palavra que transcende o tempo, da Palavra que, voltada desde as origens para Deus, ilumina todo homem em todos os tempos. Por isso, porque Cristo ressuscitado vive e age no mundo e porque a Igreja recebeu dele a missão e o poder de presencializá-lo significativamente no decorrer da história, o homem pode reconhecer na tradição viva da fé eclesial a Deus que se revela, à Palavra que ilumina toda existência humana no mundo.

A BÍBLIA NA TRADIÇÃO DA FÉ

O *Kyrios* ressuscitado, interior à tradição da fé, é a norma e a justificação da tradição. Mas o *Kyrios* celeste é o mesmo Jesus que viveu e morreu entre os homens, num determinado tempo da história. Com um rosto humano que deve ser reconhecido no Ressuscitado, se se quer evitar que sua figura fique sujeita a todas as projeções possíveis do imaginário, com o qual o reconhecimento da Palavra de Deus na história recairia nas densas trevas que o historiador das religiões pode constatar. A existência cristã consiste precisamente no reconhecimento e na acolhida da Palavra de Deus no evento histórico da Palavra em Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré: nos seus gestos, nas suas palavras, no seu serviço do Reino, que culmina no sacrifício supremo da cruz.

É precisamente o fato da Palavra ter-se feito carne, isto é, história humana concreta, que determina a forma de sua presença à Igreja como *paradosis*. A historicidade da Revelação implica o caráter de "memória" de toda a linguagem da fé. Aí deve ser procurada também a razão de ser dos escritos inspirados e a consciência eclesial da sua inspiração.

Sem a objetivação em palavra escrita e inspirada, normativa para a tradição da fé, o evento da palavra na história ficaria sujeito

10. Deus pode ser conhecido através do reto uso da razão que reflete sobre a existência humana em face do mundo e em comunhão com os outros homens. Mas mesmo neste caso a afirmação de Deus é resposta a uma Palavra de Deus que "se manifesta" através das perfeições do mundo ou do apelo da consciência moral. Cf. Rom 1,19 s.; 2, 14-16.

à erosão do tempo. Suas sucessivas e necessárias reinterpretações não teriam um critério, procedente de Deus, para julgar o evento da Palavra que, embora tendo lugar sempre de novo no decorrer da história, deve ser reconhecido como o evento no mundo de uma mesma revelação divina. Máxime na medida em que a cultura do povo escolhido para testemunhar a revelação vai perdendo progressivamente a tenacidade impressionante da "memória" (capaz de transmitir invariáveis certas formulações durante muitas gerações) que caracteriza os processos da tradição oral dos povos primitivos, perante o avanço da civilização escrita. A memória da fé é sempre interpretação significativa no horizonte do conjunto de circunstâncias da situação concreta. Ela só pode ter em si mesma o critério de sua autenticidade quando a mesma memória da fé transmite uma palavra que se apresenta ao olhar da fé como o evento original da Palavra, proveniente de Deus.

No processo da tradição é transmitida a Palavra recebida na fé e portanto afetada pela compreensão humana da mesma e sujeita às falsas interpretações. A inspiração bíblica permite que o "depósito" que deve ser transmitido apareça como Palavra divina que, enquanto tal, deve ser conservada. Deve ser compreendida e conseqüentemente explicada, interpretada nos diversos horizontes culturais, mas não pode ser mudada ou mesmo completada uma vez que ela chega à sua plena manifestação em Jesus Cristo. Assim a palavra normativa da Escritura, mesmo estando condicionada culturalmente pelo fato de ser Palavra de Deus em linguagem humana, mostra o caráter absoluto da Palavra transcendente que julga toda compreensão humana da mesma, porque Deus fez sua de forma singular essa expressão histórica do Mistério infinito que gratuitamente se autocomunica aos homens.

Porque a fé apostólica reconhece em Jesus Cristo não apenas um porta-voz da Palavra, mas a mesma Palavra de Deus feita carne, toda a Escritura, enquanto testemunho das diversas manifestações da Palavra de Deus na história, é reconhecida como presença antecipada do Logos divino, feito carne em Jesus, introduzindo assim um novo princípio de interpretação da Escritura, um princípio hermenêutico definitivo. Nasce desta forma a consciência de que a Revelação se completa historicamente com o evento de Jesus Cristo, que inclui o dom do Espírito e a constituição da Igreja com a missão de perpetuar na história a *parádosis* do evento da Palavra em Jesus Cristo e conseqüentemente a formação dos escritos inspirados no Novo Testamento, que permitirão a fidelidade da tradição à sua norma que é Jesus Cristo, mesmo quando as testemunhas oculares tiverem desaparecido.

O dom do Espírito à Igreja, como evocador perene e intérprete das palavras de Jesus (cf. Jo 14,26; 16, 14-15), a missão apostólica com sua missão hierárquica e a inspiração das Escrituras são três realidades intimamente conexas entre si por vontade do mesmo Senhor. Esses três elementos devem ser conjugados para compreender a permanência, através da história, do Kyrios ressuscitado no processo da tradição da fé. Não devem ser considerados como três grandezas separadas, mas como elementos constituintes de um único processo da tradição da fé.

As tradições escritas inspiradas nascem no seio da tradição viva constituída por toda a vida eclesial, que é fruto do Espírito. Não são parte da tradição da fé somada a outra parte, que seguiria outros caminhos, mas testemunho objetivizado em formulações escritas, com a garantia da inspiração divina, da totalidade da tradição conduzida pelo Espírito.

As Escrituras são vistas pela Igreja, em virtude da inspiração divina, como Palavra de Deus que julga e deve ser o conteúdo permanente de qualquer outra palavra eclesial. Mas ao mesmo tempo é preciso afirmar que só na tradição viva da Igreja, na sua proclamação do evangelho, na pregação, na catequese, na liturgia ou mesmo no testemunho silencioso da vida, a Bíblia pode ser mais do que letra morta e dar lugar ao evento vivo da Palavra, pelo poder do Espírito.

A normatividade da Escritura não suprime a normatividade radical da tradição da fé, que é Jesus Cristo, vivo, pelo Espírito na Igreja, segundo o testemunho da mesma Escritura, antes pelo contrário a torna possível, após a morte dos Apóstolos. Elas são uma norma da tradição interior à mesma tradição. Consideradas fora dela (supondo que isso fosse possível sem introduzir contradição dentro das mesmas Escrituras) não encontrariam o princípio da sua própria interpretação. O qual não quer dizer que esse princípio de interpretação da Escritura — Jesus Cristo vivo na Igreja pelo Espírito seja exterior à mesma Escritura. Ele está contido nela. Mas transcende a letra da Escritura e remete à tradição viva. Outro tanto poderia ser dito da tradição quando, dentro de uma mentalidade racionalista, é concebida como uma fonte “ao lado” da Escritura. Um exemplo intuitivo: Seria capaz uma comunidade perdida num tempo qualquer da história, sem ter nascido da tradição viva da fé, sem conexão nenhuma com o passado, chegar a celebrar a Eucaristia do Senhor, partindo apenas dos textos bíblicos que a ela se referem? No entanto a totalidade da celebração eucarística está contida na Bíblia quando ela é recebida na tradição viva da fé, e esta não tem nenhuma

outra norma paralela à norma da palavra inspirada das Escrituras para julgar da autenticidade das suas celebrações.

Está envolvida aqui uma circularidade hermenêutica e dialética, no sentido mais estrito do termo, porque deve conjugar ação transcendente de Deus e imanência dessa ação na história. Mas a dialética não é outra que a contida na concisa expressão de João: "E a Palavra se fez carne e habitou entre nós". A Bíblia deve ser interpretada à luz da figura de Cristo, contemplada de forma unificada pela visão da fé no seio da tradição viva da mesma fé, mas ao mesmo tempo a autenticidade desta figura da fé viva da Igreja tem na Bíblia a norma da sua autenticidade, porque toda a Bíblia, lida no seio da tradição viva da fé, é um testemunho inspirado pelo Espírito da figura de Jesus Cristo.

O CONTEÚDO DA CATEQUESE OU DA DOUTRINA CRISTÃ

Todas estas reflexões já estão apontando para a singularidade irreduzível da doutrina cristã. O desconhecimento desta singularidade está na raiz das tensões que permanecem durante longos anos em torno a este problema. O conteúdo da catequese é o conteúdo da tradição da fé: Jesus Cristo, a sua pessoa viva na Igreja pelo Espírito, como revelação da ação de Deus na história para a salvação do mundo.

A tradição do evento da Palavra divina em Jesus é presença do Reino de Deus na terra, como força de Deus para a salvação da história, como Sentido radical da história, na qual está presente o pecado ou violação do Sentido (e isto nós o sentimos hoje dramaticamente na carne de tantos irmãos oprimidos, nas estruturas opressivas de uma sociedade envolvida em contradições flagrantes). O processo histórico da tradição, que é mais do que um processo doutrinal, porque envolve a vida toda da Igreja, é precisamente o processo da evangelização.

A catequese se situa no interior desse processo vital da evangelização, como sua expressão num logos formulado e assim transmissível. Ao menos esta nos parece ser a tradição constante da Igreja no uso do termo catequese. Nesse sentido a catequese é a doutrina cristã e o ato de sua transmissão, se bem que o termo doutrina não deva ser entendido a partir do seu sentido profano, mas a partir da absoluta originalidade do processo da tradição da fé. Nesta acepção mais geral do termo catequese, ela é um elemento permanente do processo da evangelização ao longo de toda a vida do cristão e pode assumir as mais diversas for-

mas. A tradição da Igreja nos mostra também que o termo catequese é usado com freqüência para uma forma específica da transmissão da doutrina cristã, com caráter de iniciação doutrinária à fé (que evidentemente deve estar inserida no processo mais amplo da iniciação à totalidade da vida cristã) e conseqüentemente apresentando essa doutrina de maneira sistemática (se bem que podem ser muitos os princípios de sistematização utilizados) e compendiosa. Este problema, porém, certamente discutível, não afeta nossas conclusões.

A doutrina cristã, portanto, não é nunca "doutrina pura" independente do evento sempre renovado da Palavra em Jesus Cristo. É a formulação significativa desse evento e de todas suas implicações na vida humana, no horizonte de uma determinada situação histórica, no interior do processo da tradição viva do evento da Palavra em Jesus Cristo. Neste sentido, o conjunto dos escritos do N. T. junto com as Escrituras antigas, que recebem naqueles a sua significação definitiva, devem ser considerados como a *didaqué* ou doutrina apostólica, norma de toda catequese.

O conteúdo da catequese é o conteúdo da Bíblia: Jesus Cristo, a sua presença sob diversas formas nas diversas etapas da vida humana, como evento da Palavra e, portanto, como Sentido radical da história, em referência às circunstâncias concretas da existência humana. Nenhum aspecto desta fica excluído do conteúdo da catequese, contanto que ele seja analisado *sub ratione Dei*, a partir da gratuita autocomunicação de Deus em Jesus Cristo para a salvação do mundo. O conteúdo da catequese é Deus, revelado por Cristo, na comunhão do Espírito. Mas, para falar de Deus, a catequese deve necessariamente falar da totalidade do ser do homem no mundo, em diálogo com os outros e com eles empenhado na práxis transformadora da natureza para colocá-la a serviço do homem. Deve falar, porém, de tudo isto a partir da Palavra de Deus. Aparece assim como a compreensão que o homem tem de si mesmo, da sociedade, do trabalho, assim como as estruturas sociais e culturais, nas quais a relação do homem com os outros e com a natureza tem lugar, podem determinar ideologicamente a mesma recepção da tradição da Palavra. E aqui apresentam-se não poucos problemas de hermenêutica que podem estar também na raiz das tensões surgidas em torno ao problema do conteúdo da catequese.¹¹

11. Este e outros problemas aqui apenas esboçados são tratados no nosso trabalho que está sendo impresso pelas Edições Loyola, *Conhecimento de Deus e Evangelização*. Estudo teológico-pastoral em face da problemática surgida da atual renovação da prática evangelizadora na América Latina.

Todas as ciências humanas que possam ajudar à compreensão do homem e do mundo tem relação com a catequese. A sua mediação pode ser utilizada. Mas para que o conteúdo da catequese não perca a sua identidade essa mediação, ao ser posta (e deve ser posta, porque Cristo é a Palavra "feita carne") deve ser dialeticamente suprimida, para que a doutrina cristã conserve sua singularidade irredutível: ser interpretação da realidade a partir da Palavra de Deus. Para que o resultado da catequese seja um saber que é na sua integridade um "escutar" a Palavra de Deus.

Aqui é preciso chamar a atenção acerca de um ponto que pode causar uma certa confusão na prática catequética. O homem pode reconhecer a presença da Palavra no rosto do oprimido que clama por justiça, no irmão que, talvez sem invocar o nome de Deus, luta pela libertação dos homens, no simples gesto de partilhar com o irmão o pão escasso: Cristo é a encarnação da Palavra que ilumina todo homem neste mundo. Mas precisamente porque é a Palavra "feita carne", a vivência cristã consiste especificamente em reconhecer nessa Palavra que ilumina todo homem o semblante definido de Jesus, o Nazareno.

Em reconhecer no rosto de Jesus, modelado por sua existência terrena (no rosto que inspirou confiança às crianças, aos pobres, aos marginalizados, o rosto que desfigurado pelo sofrimento da cruz não deixou de manifestar a ternura e a compaixão, a lucidez no julgamento dos caminhos dos homens, a esperança e a certeza da salvação da história, nascidas da contemplação da face do Pai), o evento da Palavra de Deus que recapitula a história (também a história das manifestações de Deus no mundo) em ordem à sua salvação.

A *didaqué* apostólica se mostra exemplar a este respeito: quando trata de responder às interrogações e às exigências da comunidade nascente, no seu caminhar no mundo, o resultado não é uma doutrina abstrata sobre o sentido da história e as leis do seu desenvolvimento, mas a evocação significativa dos atos e das palavras de Jesus, como resposta a essas interrogações e exigências. Não outra coisa são os evangelhos. Mesmo os escritos ocasionais do N. T. mostram que o conteúdo permanente de toda *didaqué* não pode ser outro senão Jesus Cristo (cf. 1 Cor 15,3 ss.). Os evangelhos não são uma biografia de Jesus no sentido moderno da historiografia, mas deles emerge de maneira concreta, definida, perceptível, a figura de Jesus, a totalidade do seu Mistério como autocomunicação de Deus para a vida do mundo.

Podemos perguntarmo-nos se nas respostas ao questionário sobre o panorama da catequese no Brasil a que aludíamos no início

do artigo não está latente uma confusão a respeito do conteúdo permanente da catequese ou da especificidade da vivência cristã.

O conteúdo da catequese é a evocação da figura de Jesus Cristo como resposta de Deus às exigências, às angústias, às interrogantes que o existir do homem, como ser social e histórico, levanta nas mudáveis situações da vida.

A fé cristã nasce da contemplação da figura de Cristo, reveladora do verdadeiro rosto de Deus no mesmo processo de restauração da autêntica imagem do homem (cf. Gên 1, 27). Da contemplação dessa figura é que deve nascer a afirmação da fé de que "Jesus é o Senhor, o Filho de Deus enviado pelo Pai como poder do Espírito para a salvação do mundo". Em face dessa figura do amor trinitário de Deus os ídolos podem cair e o homem ser libertado para a reconstrução da história. Eis aí o critério definitivo para julgar a qualidade do conteúdo ou da vivência de uma determinada prática catequética.

Eis aí o princípio fundamental para a análise e a revisão crítica da catequese. As implicações deste princípio com relação à prática catequética e à totalidade da prática evangelizadora são inúmeras. Deixamos ao leitor a incumbência de continuar esta reflexão, que deverá caminhar com o caminhar concreto dessa prática. Em outra ocasião poderemos voltar ao tema, descendo às suas conseqüências concretas para a ação pastoral da Igreja no Brasil.